

BIBLIOTECA NACIONAL
MINISTÉRIO DA CULTURA FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-LEITURA

Escritório de Direitos Autorais

Registro e / ou averbações de obras intelectuais

REGISTRO Nº: 46.606.

Requerido: Pelo Autor (Prot.3300/88).

Autor: VAGNER JOÃO BENICÍO DE ALMEIDA

Pseudônimo: VAGNER DE ALMEIDA

Cessionário:

Tradutor, adaptador, etc.:

Nacionalidade: Brasileira.

Identidade / CGC: 4428527-8 IFP/RJ.

Endereço: Rua Fernando Mendes, 19/10 - Copacabana

Estado: RJ **Cidade:** RJ **CEP:** 22021

Título da obra: ADEUS IRMÃO, DURMA SOSSEGADO

Número de f./p.: 87 fls. **Gênero:** Drama Teatro

Edição	Ano	Tipo de Impressão
Local da publicação:	Cidade	Estado
Editor		
Gráfica Impressora		

Obra não publicada: Xerox.

Número de documentos apresentados e arquivados: 01

Para constar lavra-se o presente termo nesta cidade do Rio de Janeiro, em 24 de agosto de 1988, que vai por mim assinado.

Adeus Irmão, Durma Sossegado

Texto: Vagner de Almeida

Ato I, Cena 1

Em Algum Dia

(Cena para abrir o espetáculo, para um ator.)

Isto está acontecendo em algum dia na história da epidemia da AIDS, e pode acontecer em qualquer lugar, porque esse drama não procura hora ou espaço para existir.

O número de mortos dessa doença tem levado pessoas promissoras, as quais poderiam ter contribuído muito mais, morreram jovens, e sem-necessidade. Foram tragadas pela força de um destino macabro.

Morrer com AIDS não é muito mais do que morrer na hora certa ou possivelmente por necessidade.

Ela está aí na esquina dos nossos olhos e não podemos evitá-la mesmo que assim quizéssemos.

Muitos foram tragados, muitos estão sendo tragados, e muitos serão levados pelo buraco escapatório da dama sinistra dessa travessia crioula.

Que entre Burana e nos mostre um pedacinho desse cotidiano.

(Luzes crescendo e dando início ao funeral.)

Ato I, Cena 2

O Funeral

(1. Um corpo carregado por oito pessoas em uma tábua coberta com um arco-iris de filô.)

(2. Introdução da música "Carmina Burana" por Carl Orff.)

Ato I, Cena 3

A Espera

(Duas pessoas esperando o resultado dos exames. Um homem, uma mulher, um médico. Estão sentados juntos, mas não se olham ou conversam. Rezam e pensam.)

- Homem:** Pai Nosso que estais no céu--
Faça com que meu exame não seja positivo.
- Mulher:** Santificado seja o vosso nome--
Faça com que meu exame seja negativo.
- Homem:** Vem a nós o vosso reino--
Eu juro que serei uma pessoa digna de seu nome, meu Deus.
- Mulher:** Seja feito a vossa vontade--
Não mancharei mais a minha mente nem farei coisas erradas.
- Homem:** Assim na terra como no céu--
Senhor, livrai-me desse mal.
- Mulher:** O pão nosso de cada dia nos dai hoje--
Procurarei ganhar o meu pão de cada dia de outra maneira.
- Homem:** Perdoai as nossas ofensas--
Senhor, a porta abre.
- Mulher:** Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido--
Dessa porta sai alguém.
- Homem:** Não nos deixei cair em tentação.
- Médico:** Número X.
- Homem:** Sim...
- Mulher:** Livrai-nos sempre do mal.

Médico: Número Z.

Mulher: Sim. . .

Médico: Tenho boa e má notícias para vocês.

(Ambos se dão as mãos e dizem:)

Homem: Boa sorte.

Mulher: Boa sorte.

Médico: Primeiro a má notícia será dada.
O número Z é portador da vírus da AIDS.

Mulher: Você está certo do resultado?

Médico: O número X teve o teste negativo, mas não quer dizer que esteja livre de se expor ao vírus.

Homem: Obrigado, meu Deus.

Médico: Sim, você é uma portadora do vírus da AIDS.

Mulher: O, meu Deus. (Coloca a mão no rosto e cai em lágrimas.)

(Enquanto um personagem se fecha, o outro ergue as mãos para os céus e agradece por tudo.)

Médico: Esta não é só uma das tantas reações que a pessoa que escolhe ser testada se confronta, com uma grande crise psicológica.

É uma confrontação de 50% de ser negativo ou positivo.

(Black Out)

Ato I, Cena 4

Eramos Nós

(Dois casais: um liberal e um radical. Filhos com AIDS e as reações de cada um. Narrador intercalando e analisando.)

Homem liberal: Meu Deus, vejo meu filho partir sem nada poder fazer.

Mulher liberal: Sinto-o em meu ventre como se ainda o tivesse gerando, mas não o gero mais e sim vejo a vida o abortando.

Homem liberal: Não entendo essa vida, no meu tempo quem destruía a vida das pessoas era o preconceito, hoje é o preconceito de antes e a doença de hoje.

Mulher liberal: Os tempos mudaram, mas tudo continua o mesmo, simplesmente coisas novas surgem e assim tudo vai acontecendo.

Quero ajudar, quero segurar a sua vida, mas não posso. Me sinto uma nada que nada possa fazer para segurar a pessoa que amo e na flor da idade parte, seca, murcha, perde a cor, como as flores esquecidas na mesa, em um vaso sem água...

Homem liberal: Dia-a-dia, hora-a-hora, minuto-a-minuto, segundo-a-segundo vão sendo devoradas as células que tempos passados lhe supriram a vida.

Que tristeza meu Deus.

Sinto-me triste com a mesma pessoa que só me proporcionou felicidade.

Mulher liberal: Agora quando pela rua passo, quando em silêncio me resguardo da minha dor, lá está sempre um a me alertar com a sua malícia e maldade comum do ser humano. Gritam em minha face já tão dolorida e amargurada...

Narrador: Seu filho tem AIDS, não é?
Já morreu ou ainda está pagando os pecados? Ela também tem AIDS, pegou do filho.

Mulher liberal: Com a face encharcada de angústia eu vou em frente e grito.
"Meu filho tem AIDS e vai sobreviver." Tenho fé, tenho fé... Mas me pego rodeada de escânio e no meu coração eu sei que meu filho não vai sobreviver, ele está morrendo.

Homem liberal: Hoje, lá no hospital ele me disse, que quer morrer rápido. Eu falei sorrindo por fora e chorando por dentro, --"Que nada, garotão, ainda é cedo, está chovendo, já é tarde da noite, ainda não terminamos a nossa partida de cartas. Todos nós esperamos o mês que vêm... não... o ano que vêm.

Quando ia falar da nova medicina, ele me parou e disse, --"Esperar por uma vacina, já sei disso também pai. A medicina não será para mim, nem para muitos, mas um dia ela chega."

Comecei a chorar e só disse que nós o amamos. Ele beijou a minha mão e pediu para cuidar bem de você, e você de mim.

Mulher liberal: Não tenho nem mais lágrimas para chorar, só essa dor no peito que não passa.

Homem liberal: Vá ver a sua novela, já vai começar.

Mulher liberal: Novela para mim acabou, tudo tem acabado... A televisão não é ligada há semanas.

Homem liberal: Lá no trabalho me chamam de pai de filho viado. Para o inferno todo o inferno que me produzem. Todos possuem o seu lado de glória e perda, e todos de uma forma ou de outra perecerão com doenças ou catástrofes que a vida nos reserva.

Até o patrão fez seu comentário, que a minha imagem não é boa para a firma.

Mulher liberal: Nosso filho não morrerá como um passarinho, ele sofre todas as angustias de um corpo assinalado para a morte.

Narrador: Mais uma das invenções do homem.

“Morrer como um passarinho.”

Não sentirão dores e aflições diante a morte os passarinhos?

Terá o passarinho morrido, alvejado por uma pedra traiçoeira ou uma balinha de chumbo proveniente de mãos assassinas alegre e sossegado?

Ninguém morre como passarinhos, passarinhos morrem como seres humanos, com dores e aflições.

Homem liberal: Tenho medo que em breve seremos notificados de alguma coisa.

(Alguém bate em uma porta e o casal não tem coragem de reagir.)

Homem liberal: Alguém bate em nossa porta.

Mulher liberal: Não, não ninguém bate em nossa porta.

Narrador: Sim! Alguém lhes trouxe a notícia que não querem escutar, mas que esperam a cada segundo de suas vidas.

Homem liberal: Não, ainda é cedo.

Mulher liberal: Ninguém bate em nossa porta. Foi o vento.

(Alguém bate novamente e as luzes se transferem para o outro casal que já está em cena. A mulher está rezando perto de uma vela e um copo de água.)

Homem radical: Pare com essa rezaria dento da minha casa.

Mulher radical: Não tenho culpa que você não acredita em Deus.

Homem radical: Que vergonha, que vexame, que desmoralização.

Foi culpa sua, que deixou ela fazer o que queria.

Mulher radical: Ela também é sua filha e a responsabilidade é sua, também.

Homem radical: Se você tivesse tido menos tempo para a igreja e essas rezarias todas, nós não teríamos uma filha puta rampeira e com essa maldita doença de viados.

Que vergonha, não quero vê-la na minha frente nem pintada de ouro.

Mulher radical: ...não deixes cair em tentação. AMÉM.
(Faz o sinal da cruz e conclui...)

Ela só tem AIDS. A invenção de puta é da vizinhança.

Ela sempre foi uma menina travessa, mas puta a minha filha não era.

Homem radical: Pegou AIDS como a Virgem Maria Santíssima ficou grávida de Jesus Cristo.

Ela sempre foi flor que não se cheira e agora quem paga o pato somos nós.

Mulher radical: A novela vai começar. Vê se fecha essa matraca.

Homem radical: Virei notícia do bairro, que vergonha. Não quero essa mulher aqui na minha casa, não.

Mulher radical: Na nossa casa, meu querido (irônica)... e, mais a mais, eu também não quero, não. Tenho medo de pegar essa doença.

No dia que ela veio aqui e disse que estava doente, bebeu café e falou no telefone eu fiquei desesperada.

Joguei a caneca fora e lavei o telefone com água sanitária.

Homem radical: Se bater aqui, manda para a geral.

Mulher radical: Mas eles não estão aceitando lá, também.

Homem radical: Então manda para o inferno.

Mulher radical: Cruz Credo! (Faz o sinal da cruz.)

No inferno ela já está.

Homem radical: Eu, um homem distinto, respeitado, trabalhador, tendo que receber na minha cara essas chacotas da vizinhança.

Que vergonha. O que as pessoas lá do trabalho vão dizer? E lá do clube? Que vergonha...

Mulher radical: Pode acreditar que a notícia vai chegar lá também, já chegou lá na igreja, então para chegar no clube será um piscar e fechar de olhos.

Homem radical: Se alguém bater em nossa porta e perguntar por ela, diga que não mora aqui, não, e que nunca morou. Vou ser expulso do clube mais cedo ou mais tarde.

Narrador: Como esses pais, muitos Aidéticos morrem sozinhos e abandonados, pois na hora mais importante para essas vítimas é a hora em que todas lhe dão as costas e dizem...

Homem radical e mulher radical: Não a conhecemos.

Narrador: Morrem vitimados, não só da doença, mas da solidão e do esquecimento de pessoas que um dia lhe deram afeição e calor, mas na hora mais importante, lhes dão o abandono e o frio da rejeição.

Mulher radical: Ela pediu para falar conosco.

Homem radical: Nem morto eu falo com ela.

(Alguém bate à porta e o casal já está esperando pela notícia.)

Homem radical: Alguém bate em nossa porta.

Mulher radical: Sim! Alguém bate em nossa porta.

Homem radical: Sim! Quem é?

Narrador: Notificação da morte de Maria da Silva da AIDS.

Mulher radical: Não morava aqui, não!

Homem radical: Número errado.

Narrador: Então onde morava?

Mulher radical: Não sabemos.

Narrador: Ela manda dizer aos familiares que ela descansa em paz e que a vergonha de ter pais como os dela também acabou.

Homem radical: Mas que desaforada...

Mulher radical: Comunicaremos a seus pais sobre o falecimento de... Como era o nome dela mesmo?

Narrador: Maria da Silva da AIDS.

Mulher radical: Ah! Sim... Maria da Silva.

Narrador: Está é uma das mil e umas rejeições que o Aidético sofre e sofre_á por muito tempo.

Isto sim, isto é uma vergonha!

(Black Out)

Ato I, Cena 5

Vida Arriscada

(Um michê chamado Sebastião com os apelidos de Tião e Sebastian. Uma mãe Testemunha de Jeová. Uma casa de massagem chamada de Pedrita e Bambam, com uma cafetina. Uma vizinha com um telefone. Um irmão religioso. O telefone toca na casa de massagem.)

Cafetina: Alô! Pedrita e BamBam Services. (tempo para escutar...)

Não meu filho, aqui nós não temos viados escrotos como você, não.
(Bate com telefone e diz...)

Filho da puta!

(Na casa de Sebastião com a mãe)

Mãe: Tião, hoje é dia de estudo. O irmão tem perguntado por você. Hoje você vai ficar para o estudo, não é?

(Sebastião está do outro lado da cena se penteando e sem camisa.)

Sebastião: Mãe, eu já falei para a senhora que eu não quero e não sou Testemunha de Jeová. Onde está a minha cueca, Mamãe?

Mãe: Mas meu filho, isto é a melhor coisa que temos na vida. Quanto a cueca, está na roupa para passar.

(Telefone toca na massagem. O irmão chega na casa só em expressão. Sebastião continua a se arrumar.)

Cafetina: Alô! Pedrita e BamBam Services com total segurança. *(Um tempo...)*

Oi, Querida! Quanto tempo que não a escuto. *(Tempo...)* Ah! Estava em Paris! Que chick.

Tenho carne nova no açougue.

Você quer? *(Tempo...)* Agora mesmo? Voltou danada. Já vou mandar a encomenda. O nome é Sebastian, e tem uma lingüiça do jeito que você gosta.

Beijinho, Querida. *(Desliga o telefone.)*

Até que enfim a Chupadeira chamou. *(Procura um número de telefone no caderninho e começa a discar.)*

(Na casa de Sebastião.)

Mãe: Tá na hora de estudo Tião. Vem, meu filho.

Sebastião: Estou com dor de cabeça, estou descansando.

Mãe: Tião mudou completamente, irmão. Agora só chega em casa tarde e um telefone não para de chamar ele... Não estuda... só fica aqui esperando alguém chamar. Não gosto disso. Ele não me fala nada. Me dá dinheiro, mas não diz de onde vêm.

Vizinha: *(Grita de lá de dentro)* Tião... telefone para você... é a Pedrita do BamBam. Ela está puta com você. Disse para você ir rápido, que tem um programa, e levar o dinheiro do de ontem.

(Tião fica nervoso e infesado com a vizinha.)

Vizinha: Tá fazendo programa agora, Tião? Cuidado com a AIDS!

Sebastião: *(Nervoso, ele grita...)* É coisa de computador, Dona Maria.

Vizinha: Ah! Sim. Já entendi o seu tipo de com-puta-dor.

Sebastião: Miserável de mulher! Tinha que gritar para todo mundo ouvir. Boca de caçapa da porra.

Mãe: Você agora está trabalhando com programa de quê?

Sebastião: Computador...

Mãe: Você não me disse nada. Isto é um bom trabalho.

Dá para fazer carreira.

Sebastião: Fazer carreira entre a vida e a morte nos dias de hoje. Para não perder um programa, tenho que me sujeitar a tudo.

Essa maldita doença tinha logo que chegar agora.

A minha vida esta uma loucura. De um lado, o meu pavor da ira de Deus. Do outro lado, a exploração da minha mocidade.

Irmão: Disse Jeová: Filho meu, presta deveras atenção à minha sabedoria. Inclina teus ouvidos ao meu discernimento, para guardar os raciocínios e resguardem os teus lábios o próprio conhecimento. Pois os lábios de uma mulher estranha estão gotejando como favo de mel e seu paladar é mais macio do que o azeite. Mais o efeito posterior dela é tão afiado como uma espada de dois gumes. Seus pés descem a morte no próprio Seol. Ela não contempla a vereda da vida. Seus trilhos seguiram errantes, ela nem sabe para onde. Portanto, agora escuta-me e não vos desviei das declarações da minha boca.

Vizinha: Tião! Pedrita tá no telefone gritando igual uma vaca. Eu vou tacar o telefone na cara dessa cafetina.

Sebastião: Já estou indo, Dona Maria. Ela é a minha patroa do computador.

Vizinha: Ela computa os ganhos das putas, isto sim, e dos burros como você.

Irmão: Provérbio de Salomão: Filho sábio é aquele que alegra o pai, e o filho estúpido é o pesar da mãe.

Os tesouros dos iníquos de nada aproveitarão, mas é a justiça que o livrará da morte.

Jeová não fará com que a alma do justo passe fome, mas repelirá a avidez dos iníquos.

Quem anda em integridade andarará em segurança, mas aquele que perverte os seus caminhos dar-se-á a conhecer.

Sebastião: Vou ou fico? Tenho medo, mas a ânsia desse dinheiro me puxa, me leva.

Ontem, fui visitar Alencar no hospital. E ele já não pode ser o mesmo que era, sacaneando tudo e todos.

A doença comeu tudo tão rápido, que me apavorou.

O gozado de tudo foi a única frase que ele conseguiu falar com clareza: "Tião, sai disto se ainda há tempo na sua vida."

Depois fui para um programa e me senti como um cão que volta ao seu vômito, como um estúpido que repete a mesma tolice.

Vizinha: Tião, Pedrita vai ter um troço.

Irmão: Disse Jeová: --"Ouve filho meu, e aceita as minhas declarações. Então os anos de vida se tornarão muitos para ti. Vou instruir-te no próprio caminho da sabedoria; vou fazer com que pises nos trilhos da retidão. Ao andares teu passo não ficará tolido e se correres, não tropeçarás. Agarre a disciplina; não a largue. Resguarda-a, pois ela mesma é a tua vida.

Sebastião: Oh! Vida de merda!

Que desgraça ser pobre, mas se somos ricos com o espírito pobre é a mesma bosta.

Piso em campo, minado ou bebo um líquido mortal sabendo que ambos podem matar-me, mas mesmo assim, não os rejeito.

Sebastian, o topa tudo, desde que o paguem.

A maldita Pedrita me chama e o cachorro que retorna ao vômito não consegue dizer não.

Mãe: Não entre na vereda dos iníquos e não te encaminhes diretamente para o caminho dos maus. Evita-os, não passes por eles; aparta-te deles e passa adiante. Pois eles não dormem a menos que façam alguma maldade e o sono lhe é arrebatado a menos que façam alguém tropeçar. O caminho dos iníquos é como as trevas; não souberam em quem tem estado tropeçando.

Sebastião: Remova de ti a perversão da fala; e põe longe de ti a sinuosidade dos lábios. Sebastião da Silva mais uma vez vai em caminho contrário do dito.

Mãe: Tião, livra-te dos ares, que Jeová o livrará dos males.

Sebastião: Abençoa Mãe, não guarde o jantar para mim, não. Eu não volto esta noite. Hoje é sexta-feira e Tião vai a luta.

Mãe: Que Jeová lhe proteja.

Sebastião: A vocês também.

Vizinha: Já vai?

Cuidado com a SIDA, Bastião.

Sebastião: *(Vira para o público, e diz...)* Vá pró inferno, urubu.

(O telefone toca e a cafetina atende.)

Cafetina: Aló! Pedrita e BamBam Services à sua ordem.

(Pausa...) Ah! Sim, temos todos os tipos, frescos e apetitosos.

(Black Out)

Ato I, Cena 6

AIDS Não é Castigo de Deus

(Monólogo para um ator.)

O que?.. Peste pré-apocalíptica? Vocês interpretam como um castigo de Deus para os homossexuais?

Devo dizer que o doloroso mal da AIDS não é um castigo de Deus contra aqueles que transgridem a lei natural do sexo... (pausa) -- Claro que sustento isto por mais de uma razão. Se Deus tivesse de fustigar o homem sempre que ele cai em pecado ou se desvia do caminho certo, atropelando e desrespeitando o Decálogo, precisaria desfechar minuto a minuto o azorrague de sua ira contra milhões de pecadores.

Deus não fez o homem para que ele não fosse um fantoche de sua vontade, mas que com a sua graça divina, usando de sua liberdade, amando e sofrendo pudesse conquistar méritos pessoais.

Se tivéssemos que viver sobre chicotes e chicotadas para progredir no amor, no bem, na verdade e na justiça a nossa virtude de cristão não teria brilho, os gestos de altruísmo e de caridade fraterna muito pouco significariam.

Jesus Cristo trouxe uma mensagem de misericórdia e de reconciliação que escandalizou os seus contemporâneos dizendo: "Eu não vim para salvar os justos e sim os pecadores."

Atire a primeira pedra aquele que não é um pecador.

Santo Agostinho já ensinava: "Devemos odiar o pecado, mas amar os pecadores."

Porque rabiscar ou açoitar uma classe de pessoas como se ainda estivéssemos queimando bruxas em praças públicas?

Por que peste gay?

Há nesse grupo muitas pessoas capazes, ricas em valores intelectuais e artísticos. Muitos são vítimas da própria origem genética, outros sofreram tratamentos inadequados no ambiente do lar, adquirindo traumas psicológicos e outras interferências que, mais tarde se manifestaram de maneira deletéria no seu comportamento social.

Precisamos ter em conta que a responsabilidade de cada um é um fator importante para o destino da humanidade, porque a multiplicação dos pecados individuais vai, aos poucos, criando fundamento das estruturas iníquas.

AIDS não é um castigo de Deus.

O que...? A quem cabe a culpa pela sua difusão?

Ora, se há um responsável por tal calamidade, esse alguém é um substantivo coletivo -- ou seja, a culpa está distribuída pela humanidade toda. A AIDS só se difundiu graças à permissividade sem limite dos nossos tempos. E o que importa agora, inclusive antes de apontarmos culpados é levarmos a sério um dever cívico e moral. Temos de preservar a sociedade e não apenas a saúde pública dessa terrível ameaça. Como ser humano, peço que os doentes sejam tratados condignamente, quaisquer que sejam eles, sem discriminação de raça, religião, posição ideológica e condição sexual.

Ei você aí, não faça isto... Não piche as paredes... não faça isto.

A AIDS não é uma peste gay!

(Black Out)

Ato I, Cena 7

Quatros Falsos Brilhantes

(Quatro travestis reunidos. Uma pessoa corta a cena, dando uma porrada e tirando a peruca de um dos travestis.)

Xuxa: Filho da puta! Viado escroto! Vou fazer um picadinho dessa sua piroca.

Manon: Guarda essa faca, bicha. O que é que o público vai pensar de nós? Não pensar que todo travesti é marginal.

Xuxa: Mas você viu o que esse desgraçado fez no meu “look”?

Monique: Faz macumba pra ele, Xuxa! Eu fiz pra dois e deu certinho.

Manon: Ih! Lá vem Joinha. Parece que está de fogo baixo hoje.

Joinha: Oi! Tudo bem com os babados por aqui?

Xuxa: Que nada, Joinha. Olha, minha peruca foi estraçalhada por um desgraçado que quase arrancou o meu pichaim e o pescoço.

Me empreste o seu espelhinho aí, Monique.

Manon: Você não tem nada, bicha. Vê também se compra uma outra peruca. Essa já está caindo aos pedaços. Me devolva... tudo que vai não volta.

Xuxa: Onde você estava até agora?

Joinha: Fui lá no hospital da prisão visitar Tetéia e levar umas cocadinhas para ela, mas a bicha já tinha morrido hoje pela manhã.

Monique: Tetéia já bateu as botas? Cruz Credo! Foi com AIDS ou ataque de coração?

Manon: Tetéia nunca teve ataque de coração. Aquilo tudo era só frescura.

Monique: Não fale assim dos mortos, não, Manon. É pecado e dá azar.

Joinha: Ela morreu me devendo 2000 cruzados e sumiu com o meu sapato de verniz vermelho.

Manon: Tetéia era igual Xuxa, não tinha nada. Também todo dinheiro que ganhava dava para DonDon, aquele marginal lá do morro do Querosene.

Joinha: O médico lá da prisão me deu o maior esporro e me deu esse folheto aqui para ler... Eu já vi, mas não entendi muito bem, não.

Xuxa: Deixa-me ver. Vocês não acreditam, mas eu fui na escola e aprendi ler e escrever.

Manon: Xuxa--Chuchu, você está querendo insinuar que nós somos bestas?

Joinha: Me explica tudo isto aí do papel.

Xuxa: Ih! Depois. Lá vem um carro aí parando. É para mim... (Pausa...) O viado nem parou!

Vamos ver esse papelzinho aí. *(Começa a ler gaguejadamente.)*

--Se-xo Se-gu-ro.

--O que é seguro.

--O que não é seguro.

Manon: Xuxa, isto é um ponto de interrogação, uma pergunta... então se lê assim:

--O que é seguro?

--O que não é seguro?

Eu estudei para ser atriz!

(Todos gargalham menos Joinha.)

Joinha: Vai em frente bicha e vê se lê direito. Parece até um carro velho peidando.

(Todos riem novamente.)

Xuxa: Lê então você, Joinha.

Joinha: Vocês sabem que eu não sei ler, só sei contar os meus números até 100 e algarismos romanos.

Manon: Eu leio, e vou praticar um pouco da minha classe de interpretação.

Sexo Seguro?

O que é seguro?

O que não é seguro?

Beijando é seguro se nenhum dos parceiros tem cortes ou feridas na boca.

Beijinho Francês é provavelmente o mais seguro.

Xuxa: O que é beijinho Francês, bicha?

Monique: É o que nós damos entre nós, burra.

É o beijinho de "Oi Querida!"

Xuxa: Ah! Sim, esse beijo falso que nós damos nas bichas, mas a vontade mesmo é de dar uma dentada no silicone.

Manon: Masturbação é seguro se a porra não tem contato com uma ferida ou corte na mão ou em outra parte do corpo.

Joinha: O Carlão gosta de tocar punheta na minha cara... Ih! Não vou deixar mais!

Manon: Sexo Oral--quando se usa camisinha, é seguro. Sem a camisinha, é provavelmente perigoso, não seguro pois pode lhe dar gonorréia ou sífilis. Quando a ejaculação não entra na sua boca, não é tão perigoso.

Sexo oral não protegido com uma camisinha provavelmente não transmite o vírus da AIDS ou hepatite B, mas isto é difícil de se prever ou controlar. A pré ejaculação, a porrinha que começa sair antes da porra de verdade--isto é a minha interpretação pessoal--pode conter viroses ou bactérias e isto contém certo risco.

Monique: Até que você sabe interpretar mesmo, bicha. Monta um show de bonecas e emprega todos nós.

Manon: Me dá dinheiro que eu monto mesmo.
Eu tenho a visão de um grande show.
Eu, a estrela, a...

Joinha: Continua Manon, ou isto não acaba hoje.

Manon: Dá um tempo para eu poder descansar, Joinha.
Relação Vaginal...

Monique: Não tenho! Não é comigo mesmo.

Xuxa: Ih! Às vezes pintam algumas nas paradas, mas eu não gosto, não.
Às vezes o meu nem sobe.

Joinha: Calem a boca e deixem Manon ler isto para mim.

Manon: Relação na Vagina--é conhecido que o não uso de camisinhas em relações na vagina pode transmitir gonorréia, sífilis, herpes, hepatite B. Em pesquisas também apresenta que AIDS pode ser passado de homem para mulher durante um sexo não protegido. A passagem do vírus da AIDS de uma mulher para um homem durante uma relação sexual na vagina, pode ocorrer como são a maioria dos casos na Africa.
Estão entendendo meninas?

Joinha: Eu tô entendendo quase tudo.

Monique: Eles usam umas palavras esquisitas, mas dá para entender.

Manon: Sexo Anal...

Todos: Ih! Uh! Merda...

Xuxa: Chegou no ponto chave e eu não vou gostar.

Manon: Sem o uso de camisinha, esta é uma das mais perigosas práticas sexuais para passar o vírus da AIDS e o de hepatite B. As paredes do ânus estão freqüentemente sendo feridas durante uma relação anal.
Eu não acredito, isto só acontece na primeira vez, depois é só relaxar e toma trabuco.

Monique: Coitado de quem fode com Xuxa, ela com esse picão arrebenta o cu da maricona.

Joinha: Xuxa tem a maior piroca do mundo e as bichas amam.

Manon: Posso continuar ou a atenção será a piroca de Xuxa?

Xuxa: Vai em frente, Madame Satã.

Manon: Madame Satã é a sua Mãe.

Xuxa: Ih, bicha! Eu só estou brincando.

Manon: Não gosto que me chamem de Madame Satã, e vocês sabem disso.
Não vou ler mais porra nenhuma.

Joinha: Manon, você está indo tão bem como atriz, não pare, não.

Manon: Só você reconhece o meu esforço, Joinha. As demais são umas ignorantes...

Monique: Começou abaixar o nível.

Joinha: Continua...

Manon: Metendo o Dedo ou a Mão--colocando dedos ou a mão dentro do ânus ou da vagina de alguém é muito perigoso, pois as paredes intestinais ou vaginais podem ser facilmente danificadas.

Monique: Tem freguês que só quer o dedo, finge que tem cuzinho virgem, mas depois do primeiro, querem o segundo, terceiro e quando não o quarto.

Xuxa: Mas se levam o pau no cu, ficam com trauma de viados.

Manon: Lambendo o Anus ou Chupando—pode transmitir germes que contém nas fezes...

Joinha: No coco?

Monique: Sim, burrice aguda.

Manon: ...e germes que contém na saliva, então é perigoso para ambos os parceiros.

Xuxa: Não chupo mais cu! Cruz Credo! Bangalô três vezes.

Manon: Mijando ou urinando na pele sem um corte ou uma ferida não pega doença, mas urinando na boca, vagina ou no ânus pode transmitir viroses como a da AIDS ou hepatite B.

Monique: Eu já fiz isto tudo que está aí no papel.

Manon: Acariciando--abraçando e massageando produz uma suave e calorosa afeição na intimidade do sexo.

Joinha: Isto é tão romântico.

Xuxa: Joinha parece que vai desmontar.

Manon: A imaginação sendo usada com as mãos pode dar o maior relax, excitar e levantar a moral.

Xuxa: A clientela quer é mão e as mãos usamos é para dar e receber, quando não porrada pra lá e pra cá.

Manon: Fantasia...

Monique: Ulálá, eu tenha tantas, e cada uma com cada bofe...

Joinha: Xuxa, a peruca está torta.

Xuxa: Outra vez, mais que merda...

Manon: Fantasia--a mente é a maior e mais versátil organismo sexual. Ela pode criar imagens que nos elevam para lugares nunca d'antes navegáveis.

Monique: Ih! A bicha endoidou de vez!

Joinha: Nunca d'antes navegáveis?

Manon: Camões, burra!

Joinha: Ah! Sim, Calmões...

Manon: Ponto final por hoje.

Mas que merda, cadê as bichas... tudo muito devagar...

Joinha: Obrigado, Manon.

Eu aprendi quase tudo, mas colocar na prática com esses caras não dá. Eles pagam o serviço, então...

Manon: Aprendeu alguma coisa, Xuxa?

Xuxa: Sim, Madame Sa...

Manon: Satã é a mãe...

O que é sexo que não pega AIDS?

Xuxa: Ih! Já esqueci!

Monique: Beijinho Francês, punheta em pele não cortada ou ferida, chupada com camisinha, mijada ou cagada em pele não cortada ou ferida.

Xuxa: Cagada também? Cruz Credo! Só se me pagar muito eu deixo cagar no meu corpo.

Manon: Não é cagar, não, Xuxa, é defecar.

Monique: Carícias e fantasias.

Joinha: Você aprendeu tudo, Monique, até que enfim...

Monique: E você, Joinha, o que aprendeu disto tudo?

Joinha: Sexo que pega AIDS: comer xoxota sem camisinha, enrubar o cu sem camisinha, mijada ou defecada dentro ou fora, metendo o dedo ou a mão, lambendo xoxota ou ânus.

Manon: Tem uma cabeça boa, Joinha, você pode trabalhar no meu show um dia.

Xuxa: Tá começando a chover, agora é que a vaca vai pró brejo.

Manon: Amanhã eu tenho duas faxinas para fazer.

Joinha: Quem vai ajudar a comprar o caixão de Tetéia?

Xuxa: Eu não tenho dinheiro.

Manon: Vou colocar uma vela pra ela na encruzilhada.

Monique: Não gosto de enterro.

Joinha: Eu vou lá. Não quero que Tetéia seja enterrada como indigente. João da Silva, conhecido como Tetéia, foi gente como outra qualquer.

E amanhã, qual será de nós no mesmo lugar?

Xuxa: Ih! Cruz Credo! Isola, bicha! Bangalô três vezes!

Manon: Xuxa, a peruca ainda está torta.

(Black Out)

Ato I, Cena 8

Q-Suco da Morte: Sangue

(Dois atores em cena: mãe Joana e filho Gregório. Gregório sentado em uma cadeira de balanço.)

Gregório: Mãe! Você está chorando de novo?

Joana: Estou resfriada e caiu um cisco no meu olho. (Entra em cena com uma bandeja cheia de fortificantes e comida.)

Gregório: Outra vez esses grudes, Mãe?

Joana: Você precisa de vitaminas e esses fortificantes milagrosos.

Esse aqui veio da Aparecida do Norte.

Esse da Bahia, lá do Bom Fim.

Esse aqui seu irmão trouxe lá da feira de São Cristóvão. É feito de ovo de codorna com caldo de mocotó.

Gregório: Não agüento mais, nem ver isto na minha frente.

Tira isto daqui mãe! (Grita desesperadamente duas vezes.)

Joana: Não grita comigo, não desforra na minha velha carcaça. Você não é mãe. Você não sabe o que é perder mais um filho.

Gregório: Velha Joana, não sei o que é perder um filho, mais sei o que é perder a vida.

Olhe para mim Joana, eu que sempre engordei com tanta facilidade, agora vejo os meus braços afinarem cada vez mais.

Joana: Saímos lá do interior para tentar lhe dar melhor condição de vida.

Lá você ia morrer se ficasse, assim disse o farmacêutico.

Seus irmãos morreram por falta de sangue, então arrumamos as trouxas e viemos vegetar nessa cidade maldita.

Gregório: As transfusões que recebi foram as malditas, não a cidade.
A falta de consciência do ser humano é que é maldita, não a cidade grande.
É muito tarde mãe para maldizer o mundo. Para mim é o fim.

Joana: Ainda não meu filho, ainda não...

Gregório: Sei o que me espera e não quero me abater, não quero pensar nisso.

Joana: Dona Maria não quer pegar mais os recados do telefone para nós e mandou dizer que não quer que ninguém aqui de casa vá lá.

Gregório: Mais ela era a nossa melhor vizinha mãe. O telefone dela é uma grande ajuda para nós.

Joana: Assim é a vida Gregório. Porém a Laura mandou um abraço e um beijão para você. Logo ela vai vir aqui lhe trazer um caldo de galinha e uma broa de banana. É um presente!

Gregório: A Laura, incrível, nunca foi tão próxima de nós, mas agora dá uma força.

Joana: Ela disse como pagamento você tem que escrever uma das suas poesias para ela.

Gregório: Que horas papai chega mãe?

Joana: As 5:00, mas hoje ele foi lá na Penha pagar uma promessa.

Gregório: Vou lhe falar uma coisa mãe. A melhor coisa que a vida me presenteou nesse final foi o amor que todos vocês me dedicam.
Você chora, chora e quando escuto o eco do seu soluçar o meu coração se espatifa em pedacinhos.

Joana: Não vou chorar mais, prometo, juro... (Começa a chorar.) .

Gregório: Hoje escrevi mais um poema.

Joana: Foi? Leia para mim.

Gregório: Promete que não vai chorar?

Joana: Prometo! Qual é o título?

Gregório: "Q-Suco da Morte: Sangue".

Eu, brasileiro, 26 anos, hemofílico, portador de AIDS e poeta.

O único caminho a minha frente é a morte, mas não só para mim, também em torno do número cada vez maior de vítimas que se fazem os penosos e conflitantes ajustes da sociedade.

Eu estou morrendo e AIDS é o seu problema agora. Há uma doença em meu corpo que está comendo meus tecidos e meus órgãos.

Algumas vezes eu acordo durante a noite e posso sentir a presença dela roendo a minha vida.

Sociedade hipócrita não rezem só por mim que sou hemofílico ou pelas criancinhas com AIDS.

Rezem por uma sociedade mais descente e humana, onde o respeito pela vida é mais importante do que os cogumelos atômicos.

Todos nós somos dignos de respeito e humanidade.

AIDS não é um problema dos doentes, mais sim da sociedade.

Peguei AIDS não sei quando e nem sei onde, mas tenho a certeza que foi em um "Q-Suco da Morte chamado sangue."

Joana: Bonito meu filho, mas muito triste.

Gregório: Mãe que horas são?

Joana: 5:00 horas meu filho.

Gregório: Onde está o pai?

Joana: Ele já vai chegar.

Gregório: Me de um copo de água mãe.

(Joana sai de cena.)

Gregório: Quando se tem AIDS não há inocentes nem culpados.
Quem porta AIDS não possui uma doença qualquer, mas uma tragédia.
Chega, esta doença está me matando, não agüento mais, a dor de cabeça é insuportável.

Chega eu não preciso disto. *(Morre.)*

Joana: *(Lá de dentro.)* Seu pai está chegando, Gregório, vem trazendo uma saca de compras.

Já estou levando a água. *(Entra em cena e vê o filho morto.)*

--Gregório, Gregório, espere, espere, seu pai, ele está chegando e traz uma saca de compras.

Eu prometo, eu juro, que não vou chorar.

(Black Out)

Ato I, Cena 9

O Radical

(Dois personagens: O Radical e o Narrador. O Radical escrevendo uma carta a um amigo.)

Radical: Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa!
Caro Amigo!
Até que enfim achei um tempo para escrever e dar sinal de vida.
Comprei um carro novo, zerinho, zerinho. A turma da praia está morrendo de inveja. Já benzi o carro.
Como é, já virou um picolé ou está conseguindo suportar o excesso de frio siberiano?
Temos visto na TV a onda do super-frio que assola os U.S.A.
Aqui o tempo continua incerto. Faz um calor terrível por alguns dias e de repente começa a chover e a temperatura cai com uma diferença de 20 graus ou mais. O tempo está completamente maluco.
Fiz outra plástica na face e uma cirurgia para tirar gordurinhas acumuladas na barriga.
A turma da praia está morrendo de inveja com o meu novo "look".
Fiz tudo isto pela vitória da minha escola de samba. Tenho certeza que será tri-campeã. Sinto no meu coração.
Já comecei a fazer a fantasia. Está uma beleza.
A novidade maior é que saio de destaque este ano.
Sabe quem morreu?
Aquela bicha desvairada do quarto andar. Sabe com que? A SIDA. Também tinha que terminar como terminou.
A AIDS continua devastando por aqui. Só em São Paulo, os casos já estão para lá de Marraqueche. Já estamos com um número altíssimo de casos.
Acontece que a bicharada e as putas não acreditam no que tem sido mostrado e divulgado...

Narrador: Somente as bichas e putas necessitam serem crucificados.

Radical: Acham que a doença é só para os outros. Continuam fazendo loucuras e morrendo. O pior não é que morrem. Já vão tarde, mais que continuam disseminando a doença por toda parte.

Narrador: Serão só eles que disseminam a doença por toda parte?

Radical: Já que não querem se poupar, que não tem amor na vida, deveriam pelo menos respeitar o direito de viver dos outros.

Narrador: Mas fodem com eles quem quer, nada é imperativo.

Radical: Esta é a razão pela qual não tenho pena dessa gente.

Narrador: Já viram um radical pensar além dele?

Radical: Trepar sem pensar é mais importante que qualquer outra coisa. Então que assumam as conseqüências.

Narrador: Dirá ele na próxima linha. "Você não acha que eu estou certo?"

Radical: Você não acha que estou certo?

Esta semana morreu o nosso amigo hemofílico, z, e contraiu a doença numa transfusão. Coitado, foi alvejado inocentemente.

Narrador: Mas de quem será a culpa dessa vítima da transfusão?

Da prostituta? Da bicha? Dos bancos de sangue? Ou talvez de um vírus?

Radical: Já há no Brasil mais de 76% de hemofílicos portadores do vírus. Isto sim é terrível.

Por aqui vou terminando, acho que não tenho mais nada para contar.

Um grande abraço para você do...

Narrador: Radical.

Radical: Ah! Esqueci de dizer que vou usar a minha fantasia no baile de Gala Gay.

Beijinhos .

Narrador: É isto aí amigo.

(Black Out)

Ato I, Cena 9

A Fila

(Sete atores, sendo seis já em cena e um entrando após. Cinco pessoas com idéias desiguais sobre AIDS. Uma com AIDS. Uma esclarecida. Cena ocorre na fila de um ônibus pela manhã.)

(Todos juntos falam desenfreadamente em mímica e gestos com uma luz do amanhecer.)

(Lá vem o ônibus, e um alerta os demais.)

Ator 1: Lá vem a carroça!

Todos: Lá vem o ônibus.

Ator 2: Parece que não vai parar.

Ator 3: Vem botando pelas tabernas.

Ator 4: Dá sinal pessoal. *(Todos fazem sinal ao mesmo tempo.)*

Ator 5: Não vai parar.

Ator 6: Pára desgraçado!

Ator 1: Filho da puta!

Todos: Filho da puta! *(O Ônibus passa direito.)*

Ator 1: Agora só daqui à 30 minutos tem outro.

Ator 2: Ih! Olha quem vem lá.

Ator 3: Já está andando igual a uma capenga.

Ator 2: Espero que não pare aqui, não.

Ator 3: Mas vai parar e vai esperar o ônibus também.

Ator 5: É ela que tem AIDS, não é?

Ator 3 e 2: Sim! É ela.

Ator 2: E é enfermeira.

Ator 4: A minha filha estudava com a filha dela.

Ator 5: Ah! Sim, ela é a mãe solteira que trabalha no hospital e que diz ter pego essa doença em um acidente.

Ator 2: Essa mesma.

Ator 4: Tirei a minha filha da escola, e várias pessoas estão fazendo o mesmo.

Ator 1: Só o bafo dessa doença é o suficiente para se pegar.

Ator 5: É bom mudar de assunto.

Ator 1: Eu acho que vou à pé para o trabalho.

Ator 6: Não se preocupe meu amigo, você está longe do bafo dela.

Ator 1: Graças a Deus.

Ator 2: Nunca foi muito descente.

Ator 3: Como pegou isto, só Deus sabe

Ator 4: Imaginem os nossos filhos com a filha dela, na mesma escola, na mesma sala de aula, no mesmo vaso do banheiro.

Ator 2: Meu Deus do céu, livrai nossas crianças desse mal.

Ator 3: Amanhã vou à escola e vou pedir transferência para um outro lugar.

Ator 1: O certo não é tirar as crianças da escola, mas sim tirar essa menina com a mãe doente de lá.

Ator 3: Mas foi isto que a professora falou.

Ator 6: Essa doença não pega assim, não, vocês devem se informar melhor.

Ator 4: Dizem que não pega, até pegar e então...

(Ela chega ao ponto do ônibus.)

Ator 7: Bom dia, pessoal.

(Ninguém responde, somente Ator 6.)

Ator 6: Bom dia, Dona Severina.

Ator 7: O ônibus já passou?

Ator 6: Sim, e não parou.

Ator 2: Do jeito que veio capengando mesmo se o ônibus tivesse parado, não teria pego.

Ator 3: Olha como está magra. Parece uma morta viva.

Ator 1: Cuidado com o bafo.

Ator 7: Que horas teremos o proximo ônibus, alguém sabe?

(Ninguém responde outra vez e lhes dão as costas.)

Ator 6: Daqui uns 10 minutos.

Ator 7: Vou chegar tarde no trabalho hoje, outra vez.

Ator 4: Caindo aos pedaços, ainda está trabalhando?

Ator 7: Lá vem o ônibus!

(Todos se voltam para olhar e dar sinal.)

Ator 4: Dá sinal pessoal.

Ator 7: Você poderia me ajudar a subir no ônibus?

Ator 6: Claro, me dá a bolsa também.

Ator 4: Dá sinal pessoal.

(Todos dão sinal, mas o ônibus não parará.)

Ator 1: Essa merda não vai parar.

Ator 2: Tem gente saindo pela janela.

(O ônibus passa direto, e os braços abaixam vagarosamente.)

Todos: Filho da puta!

Ator 7: Não sei como vou pegar esses ônibus lotados.

Ator 1: Que não vá encostada em mim.

Ator 4: Nem em mim.

Ator 3: Só em pensar me dá até arrepios.

Ator 2: Já viu as manchas pretas no corpo dela?

Ator 5: Parece até lepra.

Ator 4: É pior meu camarada.

Ator 7: Estão falando de mim, eu sei...

Ator 6: Esses línguas de trapo falam de todo mundo.

Ator 7: Tem um bilhete aqui na minha bolsa, que deixaram na minha porta essa noite, me chamando de tudo que é coisa ruim.

Ator 3: Foi o filho da Antonica.

Ator 2: Eu sei, todo mundo sabe. Ele disse que vai expulsar essa mulher daqui.

Ator 7: Disse no bilhete para eu deixar esse lugar o mais rápido possível ou eu vou me dar muito mal.

Ator 6: E você, que vai fazer?

Ator 7: Nada, não tenho tempo para me desgastar com esse tipo de coisa.
Tenho muito o que fazer pela minha pouca vida que tenho.

Ator 6: Eu admiro a Senhora, Dona Severina.

Ator 1: Ela que não tome tendência na vida, que ela vai ver só.

Ator 2: Nunca confiei na moral de enfermeiras.

Ator 3: Com todos aqueles médicos.

Ator 4: A minha mãe foi enfermeira, mas aquela era honesta, que Deus a tenha.

Ator 6: Que a tenha no inferno por colocar no mundo coisas como isto.

Ator 7: Você sabe que eu tenho AIDS, não é?

Ator 6: Sim, claro, mesmo que não quisesse saber eu acabaria sabendo. Olha aí esses doentes da sociedade.

Ator 7: Ainda estou trabalhando lá no hospital onde contraí a doença. Pensei que o mundo havia acabado para mim, mas não. Ainda estou lutando por pessoas quem necessitam de mim, como em muito breve vou necessitar de alguém.

Ator 2: Escutem a lorota para boi dormir.

Ator 3: Todo dia ela repete a mesma estória em público, sempre na fila.

Ator 4: Sempre tem um otário para escutar.

Ator 1: Olha aquele ali.

Ator 5: Eu vou ler o meu jornal.

Ih! Olha aqui a foto dela.

(Todos correm para ver, menos o 6 e o 7.)

Ator 2: Uma Mulher Humana e Capaz.

Ator 3: Encheram a bola dela.

Ator 1: Ficaram foi com pena da infeliz.

Ator 5: Escutem isto aqui:

“Nós à chamamos de Severina da Silva, uma mulher cheia de energia, compassiva e totalmente profissional, a qual foi acidentalmente infectada com o vírus, quando fazendo o que ela mais ama, cuidando de pacientes com a doença de AIDS em fase muito séria.”

Ator 4: É doida.

Ator 2: Acabou se ferrando.

Ator 3: Deu amor demais, acabou como está.

Ator 7: Eles não entendem nada. Perdoai-os Senhor.

Ator 6: São uns infelizes.

Ator 5: “Em um desses críticos dias, Severina da Silva tinha justamente tirado cinco centímetros cúbicos de um sangue contaminado com o vírus de seu paciente, quando em um súbito deslize ela picou-se com a agulha e cravou o conteúdo inteiro da seringa na sua coxa direita.”

Ator 7: Dois meses mais tarde, eu estava testada positivamente com a presença de anticorpos da doença.

Quatro semanas mais tarde a doença letal apareceu pela primeira vez. Uma inflamação na garganta que indicou uma infecção oportunista com fungos chamada “Cândida Albicaus.”

Ator 5: “Severina teve de encarar a realidade de sua doença e o medo de amigos e colegas, que recusaram tocá-la e evitando-a quando eles passavam por ela.”

Ator 3: Mas quem vai ficar perto desse tipo de gente?

Ator 1: Só doido.

Ator 7: Agora sou eu que posso experimentar o senso de profundo isolamento social.

Ator 5: “Ela teve tentando apaziguar os pacientes com AIDS o qual moralmente foi uma de suas primeiras preocupações.

Como também uma mãe solteira ela também teve de encontrar uma maneira de dizer a sua filha de 10 anos, que não há vergonha nenhuma ter essa doença, enquanto ao mesmo tempo tendo de avisar a criança que para conversar sobre isto na escola pode trazer hostilidade do medo de pais amendrontados e o ostracismo dos dirigentes.”

Ator 6: A Senhora ainda continua trabalhando com os doentes?

Ator 7: Sim, eles precisam de mim. Há pessoas em piores condições do que eu.

Olha, eu ainda posso andar, pegar o ônibus, sentir o ostracismo das pessoas e não sentir medo dessa doença nem vergonha.

As pessoas tem medo de mim, mas isto é simplesmente uma básica reação humana.

Ator 5: "Muitos de seus colegas de trabalho tem medo de chegar perto de Severina ou tocar em papéis que ela tem xerocado.

Diz Severina: --Quando eles passam por mim pelos corredores me evitam, mas quando dou as costas, todos me olham e dizem que sou aquela que tem AIDS..."

Ator 3: Mais que pessoas horríveis.

Ator 2: Os próprios colegas, imaginem o que os demais farão...

Ator 1: São as pessoas que podem se contaminar da mesma forma.

Ator 6: Alguém tem que fazer a caridade de ajudar os necessitados, não é?

Ator 5: "...e ela ainda diz mais: --Eles tem medo de me chamar ao telefone.

Ator 7: O isolamento social desta doença é muito mais devastador que o diagnóstico da própria doença.

O único medo que tenho dessa doença é saber que vou morrer em breve e deixarei a minha criança nesse mundo de rejeições e medo.

A doença não me assusta, realmente não assusta.

Ator 4: Ela acredita que a reação das pessoas são mais aterrorizantes que, a própria doença.

Ator 7: Agora eu posso realmente planejar a minha vida e fazer tudo que está planejado.

O tempo é extremamente precioso, só agora é que percebo isto.

Agora tenho uma perspectiva de vida bem diferente. Não posso lutar para fazer as pessoas entenderem a doença, então eu aceito as pessoas como eles são e continuo a ajudar as pessoas que tem AIDS e necessitam da ajuda de alguém.

Ator 6: AIDS não é mais um problema seu, Dona Severina, mas sim da sociedade.

Ator 7: Lá vem o ônibus.

Ator 1: Deixem Dona Severina entrar primeiro.

Ator 5: Eu admiro a sua coragem, Dona Severina.

Ator 4: Dê sinal pessoal.

Ator 1: Não adianta, não vai parar mesmo.

Ator 2: Ih! Parou!

(Black Out)

Ato ____ Cena ____

Adeus Irmão, Durma Sossegado

(Um mendigo da rua)

Ei, você aí, me dá um dinheiro...

Me deram um lugar na sociedade. Um lugar de vagabundo.

São uns merdas, todos uns merdas.

Estou cansado, faminto como todos veem, também já recurvado.

Acabei de vender sangue aos vampiros.

Quem eles são? Não sei! Só sei que me exponho e eles me sugam.

Se me fazem perguntas? Não... Nenhuma. E na verdade só querem o meu silêncio.

Se pagam bem? Para nós não, mas quando vendem, acredito que ganham muito.

E se o meu sangue for contaminado? Não é problema meu, e sim de quem recebe a mercadoria.

Sou simplesmente um brinquedo na sociedade, me olha, e poderá ver.

Eu sou acô. Os vampiros rechonchudos.

Quando acabam ,de me consumir, gritam com desprezo -- "Vai vagabundo, vai encher o rabo de cachaça." -- mas no dia seguinte, eles me querem novamente.

Paizinho desgraçado!

Ato II, Cena 1

Adeus Irmão, Durma Sossegado

(Cena com três camas para pacientes com AIDS. Três personagens com características desiguais: um travesti, um homossexual, um heterossexual. Um narrador. Somente iluminação nas camas e nos pacientes.)

Travesti: Eu tenho um sonho. Um lindo sonho e esta noite eu vou sonhá-lo acordado. Não quero dormir mais na pouca vida que tenho.

Eu tenho um sonho. Um lindo sonho.

Homossexual: Eu tenho um sonho. Um lindo sonho e esta noite eu não quero sonhá-lo acordado.

Quero dormir todos os momentos na minha pouca vida que tenho. Eu tinha um sonho. Um lindo sonho.

Heterossexual: Sonhar com sonhos já impossíveis só mesmo para quem não acredita que a morte está ali. Nos chamando e quando não vamos, somos tragados por sua força inevitável.

Eu tenho um sonho também e me envergonho de sonhá-lo.

Narrador: Quais serão os sonhos dos designados prematuramente a morrer?

Um milagre? Uma vacina? Ou acreditar que dormiram e tiveram esse pesadelo?

(Narrador começa a interrogar as vítimas.)

Narrador: (Dirige-se ao travesti...) O que pretende sonhar essa noite ser humano?

Travesti: Meu nome é Angelita, a Quente. Tenho 20 anos.

Homossexual: Acredito que seja de carreira e em cada perna.

Heterossexual: A ex-Quente, pois agora começa a esfriar rapidamente e em breve estará no refrigerador do Instituto de Medicina Legal como indigente. Pois travesti não tem lugar nem aqui nem no céu. Vai direto para o inferno.

Narrador: Mas quem disse que aqui não é o inferno?

Travesti: É este o meu sonho, o meu lindo sonho.
 Acreditar que um dia nós travestis pudéssemos ser considerados gente, gente como todos os outros.
 Dizem que somos nada disso, somos simplesmente a essência de nossas imaginações e transformações.
 Não tenho mais o sonho das estrelas dos palcos purpurisados. Hoje o meu sonho e simplesmente sentir-me como gente e ser visto como gente.
 Meu lindo sonho não possui paetês e lantejoulas nem os artificios do transformismo do tão difamado contravertido travesti.
 Não quero dormir, nem vou fechar os olhos, tenho medo de não abri-los jamais.
 O que farão comigo quando morrer?
 Sou travesti e com AIDS a discriminação será duas vezes pior.
 Meus olhos já não possuem mais o peso dos artificios da maquiagem. Não necessito mais dos *cílios* postiços nem das sombras extravagantes.
 Os lábios já não recebem o vermelho escarlate que delineou os sedutivos investidas para o prazer.
 Não me permito mais me olhar no espelho, pois eu mesmo tenho medo de deparar-me com um transformismo desagregado.
 Vocês sabem o que é ser um travesti?

Heterossexual: É de livre e espontânea vontade mergulhar no inferno. Vocês são as vergonhas do homem.

Homossexual: O homem normal, casado, pai que vai para a rua seduzir e comprar sexo.
 Se deliciar com prazeres, sem se importar com a mulher e os filhos em casa.
 Este é o homem chamado normal que tem AIDS achado na rua e transporta livremente para a sua casa.

Heterossexual: Você é a outra classe que a vergonha foi esquecida e a degeneração sexual consumida.
 A classe de vocês é que trouxe essa maldição para nós os heteros.

Narrador: Mais uma concepção criada pela mente criativa e destrutiva do chamado ser humano.

Homossexual: Dizem que AIDS é doença de viado. Mas como voei, machão, pode adquirir a mesma moléstia que a classe que desmoraliza a chamada classe dos normais? Dormiu você com um outro homem? Ou uma chamada mulher normal lhe transmitiu o que agora não só pertence aos homossexuais, mas sim a toda uma sociedade?

Travesti: Acreditam que só pão de pobre é que cai com a manteiga para baixo?

Narrador: Tantas idéias certas, tantas idéias erradas.

E você, homem normal, qual é o seu sonho?

Heterossexual: Ver o meu filho nascer e a minha mulher sobreviver a maldição que lhe passei.

Travesti: Quem foi na roça perdeu a carroça.

Homossexual: A sua normalidade transferiu a anormalidade em toda a sua vida.

O esperma que acasalou com o óvulo criou um feto sem amanhã.

Tantas vidas abortadas e tantas normalidades esfaceladas.

Narrador: Hoje não é mais uma ou duas classes que podem ser subjugadas e açoitadas em praça pública, mas toda uma geração de irresponsáveis e desacreditados. Como os gays, prostitutas, viciados e tolerantes são difamados e assediados a quarentenas, os fetos, crianças e pessoas que necessitam do sangue nosso de cada dia pagarão prestações sem saberem que comprarão mercadorias estragadas.

Homossexual: Eu tinha um sonho. Um lindo sonho.

Eu sonhei que uma vacina surgiu da noite para o dia e que eu me salvei e lá do céu caiu um lenço e no meio do lenço vinha escrito: Você está salvo, você é gay e isto não é pecado nem crime. Você pode e deve ser tudo o que você sonhou e desejou ser.

Mas foi um sonho e tudo acabou.

(Um black out. Quando as luzes se apagam um personagem sai de cena, simbolizando que já morreu.)

Narrador: Nada se acabou, tudo só está começando.

(luzes só nos dois pacientes.)

Homossexual: Angelita, onde está você?

Eu só fechei os meus olhos por alguns instantes

Narrador: Angelo, Angelito e outros mais já não estão mais aqui.

Heterossexual: Ele ou ela tinha um sonho, um sonho que acabou como um piscar de olhos.

(Black out.)

Narrador: É possível ver ao longe o medo que paira no ar, não simplesmente nos que estão já prontos para a longa viagem, mas em todos que de uma forma ou outra estão no mesmo barco a afundar.

Não, não é mais um grito que pára no ar, mas o medo antecipando a morte.

Homossexual: Mais uma cama vazia, mais uma das outras vitimas da praga. O engraçado é que não tardará a chegada dos novos passageiros do inferno.

(Uma música e gritos apressados. Dois pacientes tomam posições em cada cama e se ouve frases de hospital...)

--Mais um!

--Mais outro!

--Não há camas!

--Não há médicos!

--Não há remédio!

--Não há enfermeiras!

--Não há salvação!

--Não há santo que dê jeito!

Homossexual: Oi! Meu nome é Aldo.

Qual é o seu nome?

Ah! Sim. Silêncio é o seu nome. Igual ao meu quando aqui cheguei. Amanhã, talvez eu não esteja mais aqui, mas mesmo assim meu nome é Aldo.

(Black Out)

Ato II, Cena 2

Naná e Nonó

(Duas pessoas em cena, Naná, uma mulher hetera, e Nonó, o amigo gay dela, na divisão das coisas de Nonó antes de morrer.)

Nonó: Você quer isto para você, Naná?

Naná: Não, isto é seu e foi a sua mãe que deixou para você.

Nonó: Não vou precisar mais. Então porque não dar para a minha melhor amiga.

Naná: Não quero nada, Nonó. Nada!

Nonó: Você não aceita que vou morrer, não é Naná?

Naná: Eu amo essas nossas fotografias na praia. Olha o meu maiô como era cafona, e a sua sunga...

Nonó: Naná, estou doente. Encare essa realidade.

Naná: Olha os meus óculos iguais aqueles de Brigitte Bardot em Saint Tropez, nos anos 60.

Nonó: Como um bom entendido, de tudo fiz um pouco, ou até demais, em minha vida.

Hoje estou aqui me desfazendo de minhas coisas testado positivamente com o vírus da AIDS.

Naná: Vamos ao cinema e tomar sorvete?

Quero fazer uma festa à fantasia. O que você acha?

Nonó: Tomar a coragem e ser testado significa que temos a chance de nos confrontarmos, de estarmos portadores da morte.

Naná: Vamos mudar de assunto.

Eu amo essa fotografia aqui com a Laika. Nós tiramos ano passado lá na casa de mamãe.

Nonó: Eu não posso descrever o choque que recebi, quando fui notificado que eu era positivo.

Naná: Você ainda guarda essa foto horrível? Estou igual uma índia Bururuga. Como eu estava gorda, meu Deus.

Nonó: Eu estava chocado e com medo, e a tristeza me invadia e me sufocava.

Naná: Vamos fazer uma viagem? Igual a que fizemos no ano passado. Foi tão boa e feliz.

Ih! Olha aqui a foto daquele seu namoradinho da praia. Ele era bonitinho.

Só não paquerei ele porque você estava todo derretido. Mas o safado era ladrão e levou tudo que pôde.

Nonó: Eu saí do consultório em choque, caminhei até o elevador, comecei desenfreadamente a chorar. Chorei por toda uma tarde.

Naná: Você chorou tanto quando ele foi embora, mas eu lhe consolei... consolei e você acabou dormindo nos meus braços.

Nonó: Após de chorar por toda essa tarde, a tristeza começou desaparecer. Eu comecei a tomar controle da situação.

Agora eu sei que após a decisão que tomei de ter sido testado me conscientizo sobre a responsabilidade que tenho com o resto da minha vida.

Naná: Este retrato da sua mãe é tão bonito. Ela era tão bonita.

Ah! Aqui está a foto do casamento dos seus pais. Quero me casar de véu e grinalda.

Nonó: Sei que vou morrer, não sei o dia, nem a hora.

Naná: Ah! Essa foto aqui quando você era bebê... Que caraça que você tinha.

Eu quero o meu neném igual a você.

Nonó: Por muito tempo eu pressentia estar com AIDS, mas eu resistia a idéia de ir ao médico e obter a resposta que sabia e não queria ouvir.

Naná: Você fantasiado de cowboy e eu de havaiana. Minha havaiana era tão rala que aparecia até as minhas calcinhas.

Nonó: Tenho AIDS e sei que vou morrer, mas agora eu tenho uma paz, que a muito havia desaparecido em mim.

A dúvida por muitos meses foi pior que a verdade.

Naná: Ah! Olha aqui a foto da Laika quando era neném. Mas que cachorrinha linda.

Nonó: Naná, você está me ouvindo?

Naná: Que cachorrinha linda...

Nonó: Você foge como a muito escapei, mas a verdade é que estou doente e vou morrer.

Naná: Pare, não quero ouvir mais nada, nada.

Não acredito e não quero acreditar.

Nonó: Aqui está o teste, é só vê-lo e aceitar.

Naná: Tenho medo, Nonó.

Nonó: Tenho medo, Naná, de morrer sozinho.

Naná: Vamos comer pizza com Guaraná.

Nonó: Quem ficará com a Laika?

Naná: Você sabe que eu ficarei.

Nonó: Ainda é tão cedo, mal comecei a viver, já fui notificado que positivamente vou morrer.

Tenho medo, Naná.

Naná: Naná está aqui, não tenha medo.

Naná estará sempre aqui..

Nonó: Quantos anos juntos, quantas confidências...

Naná: Você me colocando água na boca dos tantos homens que você teve e eu não tive.

Você sempre com uma estória a contar.

Nonó: E você sempre ajudando-me a carregar as minhas decepções amorosas.

Ah! Naná, você é tão bonita por dentro e por fora.

Naná: Encalhada, Nonó, simplesmente um barco esquecido e naufragado... simplesmente...

Você, Nono, foi o único que não me desertou.

Nonó: Nonó e Naná. Tiramos esses nomes da nossa primeira cartilha.

Naná: "Cartilha Moderna".

Nonó: Nossas primeiras palavras que aprendemos a ler: Nonó e Naná.

Naná: Menino e menina.

Nonó: Sei que vou morrer.

Naná: Casa e telhado.

Nonó: Tenho medo, Naná.

Naná: Sol e lua.

Nonó: Tenho AIDS e vou morrer.

Naná: Dia e noite.

Nonó: Eu amo você, Naná amiga.

Naná: Eu amo você, Nonó amigo.

(Nonó senta no colo de Naná e ela começa a cantar cantigas de ninar.)

Naná : "Dorme neném do meu coração..."

(Black Out)

Ato II, Cena 3

Morrer em Liberdade

(Três personagens presos em uma sala. Um drogado, uma prostituta, um homossexual.)

Prostituta: Que horas são?

Homossexual: Não sei.

Drogado: Pra que horas? Nós não vamos a lugar nenhum.

Prostituta: Daqui a cinco minutos ele entra pela aquela porta com o mesmo ar de filho da puta e com as mesmas perguntas de sempre. .

Homossexual: Vocês sabem por quê estão aqui?

Drogado: Sabem por quê não estão lá fora?

Prostituta: São vocês perigosos para a sociedade?

Homossexual: Você sabe porque você está aqui, Vanilda?

Prostituta: Tenho AIDS.

Homossexual: Só isto?

Prostituta: Não.

Drogado: Tenho AIDS também.

Homossexual: Esta não é só a razão que estamos aqui.

Há mais... muito mais.

Drogado: O doutor do pinel disse que o mais cruel de manter um homem preso é permitir que ele, solto, contagie outras pessoas.

Homossexual: É um filho da puta. porque não gosta de viado. Ele faz isto comigo

Prostituta: Aquele porra não gosta de ningu6m.

Drogado: Talvez não goste nem de samba e nem da branquinha.

Homossexual:Que branquinha?

Drogado: Cachaça e coca malandro.

Prostituta: Ele precisa é de uma chave de perna como eu dava lá na labuta da esquina.

Homossexual: Você mesmo com AIDS continuou a dar como chuchu no serra.

Prostituta: Como você, meu irmão. Fomos à luta até quando nos enquadraram.

Drogado: Burrice nossa.

Eu dava as minhas festinhas e todo mundo picou-se com a mesma agulha que eu usei.

Já estava fudido, que se fudessem os demais.

Prostituta: É isto mesmo, peguei essa SIDA com alguém lá fora, então que desabe o mundo.

Homossexual: Não sei quem foi, mas sei que devo ter passado para muitos. Fui para todos os lugares que pude, mas quando tentei roubar aquela bichona, ela me deu a maior porrada e eu faleci como uma mosca.

Prostituta: Se lhe colocarem lá fora novamente, você continuaria a contaminar as pessoas?

Homossexual: Não, não posso, não sei mais como fazer e nem quero transmitir essa desgraça para os outros.

Drogado: Sei que me resta pouca vida e quero morrer em liberdade.

Aprendi muito aqui, nesse padecimento todo.

Prostituta: Não quero sexo. Quero viver tudo o que tenho direito de viver, mas viver em liberdade, escolher o lugar onde terei que morrer.

Homossexual: Quero morrer na rua. Sinto-me cheio de vida, quero morrer lá fora.

Drogado: Hoje a bicha velha e gorda está atrasada.

Homossexual: Aquilo não é bicha, pois se fosse seria muito diferente do que é.

Drogado: Ele estava me ensinando a nova técnica, para nós os drogados.

Prostituta: Como?

Drogado: Lavar a seringa após cada picada com água sanitária ou só se usar a seringa que nos pertence.

Prostituta: Me disse para usar camisinha e tudo aquilo mais.

Homossexual: Para mim também.

Drogado: Mas não falou em me colocar na rua de novo.

Prostituta: Custa a crer que estou doente. Estou bem, olha!

Homossexual: Estamos mal, mina, sossegue o facho e espere a decisão do médico.

Drogado: Decisão de que? Dirá e assinará como nós sendo loucos e doentes com AIDS?

Prostituta: Mas não seremos mesmos? Tudo que fizemos sabendo que éramos doentes, sem nos preocuparmos com os demais. Não foi um ato de loucura?

Homossexual: Não loucura, mas desespero misturado com nosso lado ruim de ser humano.

Drogado: Loucos são aqueles que perderam tudo, como nós, porém, menos a razão.

Tudo que fiz, fiz sabendo que estava fazendo.

Prostituta: Vocês são católicos?

Homossexual: Mais ou menos.

Drogado: Eu sou macumbeiro.

Prostituta: Mas isto eu também sou.

Homossexual: Por quê?

Prostituta: Eu queria saber para onde é que nós vamos quando morrer.

Drogado: Direto para o inferno.

Prostituta: Cruz credo!

Homossexual: Sofrer mais do que já estamos sofrendo?

Drogado: Não, nós vamos lá para começar a pagar os nossos pecados.

Prostituta: Eu acho que ele já está atrasado mais de 20 minutos.

Homossexual: Mas você não gosta dele.

Prostituta: Eu finjo que não gosto, e na verdade não gosto mesmo, mas se ele não vier para a nossa seção eu fico louca.

Drogado: Ele é a nossa droga.

Homossexual: Tudo que falamos aqui entre nós, não será dito para ele.
Eu vivo a mentir para ele. Eu gosto de mentir. (Gargalha.)

Drogado: Eu gozo com a cara dele, mas ele nem se toca.

Prostituta: Eu amo ele. Ele é o único que me ouve e não me pede sexo e nem me chama de puta.
Ele é um cavalheiro.

Homossexual:Um cavaleiro, não cavalheiro.

Drogado: Depois daqui ele monta em sua mula e as portas da prisão se fecham em suas costas.
A sua face não está do lado de dentro dos muros desse suplício, mas face a liberdade onde quero estar do lado de fora dessas paredes.
Eu o odeio com toda a força que me resta.
Eu quero a minha liberdade.

Homossexual:Que horas são?

Prostituta: Creio que ele não virá hoje.

Drogado: A mula empacou no lamaçal e seu cavalheiro sujou o terno branco com a merda que trazia para nós.

Prostituta: Hoje sei o que vou falar com ele.

Homossexual: O que?

Prostituta: Nada...! Vou esperar...!

Drogado: Temos tempo, podemos esperar.

Homossexual:Merda de vida.

(Black Out)

Ato II, Cena 4

Educação na Democracia

(Um professor na sala de aula de sexologia contra AIDS. Os alunos: uma heterossexual, um homossexual, uma prostituta, um hemofílico, um travesti, um viciado.)

(Uma sineta toca, dando o início da aula. As personagens entram em cena, mas não se cumprimentam. A aula começa.)

Professor: Fizeram o dever de casa?

Praticaram?

Trouxeram o que foi solicitado?

(Todos juntos, com seus tons de personalidade, dizem:)

Coro: Sim, Professor!

(Pausa)

Professor: Estamos aqui para informar e não reprovar.

Viciado: Na democracia.

Professor: Todos prontos?

Coro: Sim, Professor!

(Todos apresentam seus legumes e frutas.)

Professor: Muito bem.

Travesti: Mas que frescura da porra.

Professor: Angelita, mas você trouxe um aipim.

Travesti: Eu gosto de macaxeira! Ô chente!

Professor: Angelita, o que é uma camisinha?

Travesti: Ih! Só faltava essa pro meu lado.

Hemofílico: (Levanta uma cenoura e diz) Eu sei, Professor!

Homossexual: Lá vem bobagem.

Hemofílico: Uma camisinha é uma coisinha que é colocada no pênis antes de uma relação sexual. Eu li na revista.

Professor: Nota 10 para um aluno informado.

Heterossexual: Macho não usa isto.

Viciado: Que nada malandra!

Prostituta: Não gosto, e a turma também não gosta.

Homossexual: Não é a mesma coisa que ao natural.

Travesti: Os fregueses dizem que arde e só querem ao vivo.

Professor: Nota 0 para vocês.

O preservativo, ou vulga camisinha de Vênus ou Vento, ajuda a proteger a contaminação de doenças sexuais, pois ela evita a passagem de bactérias e vírus que transmitem a doença.

Hemofílico: Eu li isto também.

Professor: O preservativo tem sido apresentado para reduzir a expansão, a dilatação, a difusão de certas doenças como AIDS, gonorréia,...

Prostituta: Ih! Já tive tantas, que já até esqueci os nomes.

Professor: Herpes,...

Prostituta: Também tenho, e peguei lá na geral do hospital com a turma do plantão da noite.

Professor: Verrugas genitais, sífilis e tudo mais.

Travesti: Ela tem isso tudo! (Aponta para a prostituta.)

Professor: Como usar o preservativo!

Hemofílico: Ih! Eu sei também, Professor!

Heterossexual: Já leu na revista também...

Professor: Use o preservativo todas às vezes que você tenha uma relação sexual.

Travesti: O chente! Todas às vezes? Não vou parar de usar camisinha de Vento.

Professor: Guarde-o em um lugar fresco.

Homossexual: É comigo mesmo!

Professor: Seco... e não use em carteiras.

Prostituta: Vai na bolsa do ganha pão.

Professor: Coloque a camisinha no pênis ereto antes da relação.

Viciado: Vai ser difícil quando estou prá lá de Marraqueche com o pó e a verdinha na cuca.

Professor: O fluido da pré-ejaculação pode conter bactérias, vírus e espermatozoides.

Hemofílico: Não se deve chupar sem camisinha.

Travesti: Leu na revista.

Professor: Abra o pacote cuidadosamente.

Viciado: Como o pacote da branquinha.

Professor: Caso haja ar na camisinha, esvazie-a completamente.

Homossexual: Já começou a complicar.

Professor: Desenrole a camisinha para cobrir o pênis totalmente.

Prostituta, Travesti e Homossexual: Pênis! Que coisa boa.

Professor: Se você preferir mais lubrificante, use um lubrificante adequado.

Viciado: Eu uso é cuspe mesmo.

Travesti: Eu boto é vaselina no freguês.

Prostituta: Creme da Avon é bom.

Hemofílico: Não se deve usar vaselina nem cremes ordinários. Eu li na revista.

Professor: Após a ejaculação, tirar o pênis antes que ele amoleça, segurando na base da camisinha, assim ele não soltará, escapará.

Homossexual: Que bom! Não soltará, não escapará, permanecerá para sempre.

Professor: Use outra camisinha se a relação é repetida.

Viciado: Ih! Dá muito trabalho.

Travesti: Gasta muito.

Prostituta: Vai ficar caro a trepada.

Professor: Nunca teste a camisinha enchendo-a de ar ou esticando-a.

Travesti: No escuro vai até pelo avesso.

Professor: Nunca reuse a camisinha novamente. Escutaram?

Prostituta: Nem lavando...?

Hemofílico: Não! Eu li...

(Coro dos demais)

Coro: Na revista. Chato!

Professor: Agora que todos estão informados, vamos à prática.

(Todos começam a brincar com seus legumes e as luzes vão desaparecendo.)

(O grupo de alunos fazem uma fila em frente do palco e fala:)

Travesti: Eu sei que a vida está difícil para todos, mas a vida está aí para ser vivida.

Prostituta: Camisinhas são baratas. Porque então não usá-las?

Viciado: São vendidas em todas as farmácias, lojas e supermercados.

Homossexual: Ela toma talvez só 20 segundos para ser colocada.

Hemofílico: São somente 20 segundos de sua vida a ser ainda vivida.

Heterossexual: Você facilmente pode aprender a usar uma camisinha. Pergunte quem sabe. Não é vergonha se informar.

Professor: Uma camisinha pode parar a difusão da AIDS...

Então, porque não usa-la.

Travesti: São só 20 segundos da sua vida.

(Black Out)

Ato 11, Cena 5,

Vergonha

(Monólogo para um ator.)

Ah! Você é o repórter da revista. Pode sentar. Como estou para ser entrevistado?

Gentileza sua. Obrigado.

Sim, agora estou mais conformado.

Tenho pais e cinco irmãos, e pedi para não revelarem nada aos meus familiares. Apesar da vergonha não mostro nenhum sinal de revolta.

Sou homossexual e contraí a doença aqui mesmo na prisão.

Estou condenado a dez anos... Sim, assaltei a mão armada.

Não, não há mais tempo para requerer a minha liberdade condicional. precisaria ter cumprido a metade da pena.

O que me resta, quero viver aqui mesmo no hospital.

O médico daqui me disse que o mais cruel do que manter um homem preso é permitir que ele, solto, contagie outras pessoas.

Se me revolto?.. Não! Isto é verdade.

Se soltarem muitos que estão aqui, a primeira coisa que farão será transmitir as suas desgraças para os outros.

Pensei em me matar, mas eu morria de vergonha pensando o que as pessoas iriam dizer de mim.

Só agora é que revelo que sou homossexual, pois antes eu não conseguia. Era mais um dos tantos que vivem enrustidos na vida.

Dizia para mim mesmo: não deixarei carta nenhuma. Vou me matar e só assim acabo com esta vergonha.

Com a faca na mão, tentei cortar os pulsos, mas não tive coragem. Aqui estou eu agora enfrentando essa doença cara a cara.

Quem sabe, amanhã surge um remédio e eu me salvo?

Como passo meu tempo? Costuro, faço crochê, assisto TV, lavo, passo para os outros presos e assim vou levando a vida.

Não, ninguém lá de casa vem me visitar.

Os melhores dias para mim são as sextas-feiras e os sábados. A TV tem programação de filmes durante toda madrugada, e isso ajuda a não pensar no meu problema.

Tenho vinte anos, como consolo, só posso dizer que antes de ser preso, vivi intensamente.

Você não acredita que tenho vinte anos, não é? Mas tenho! É essa doença que acaba com a gente.

Você quer saber sobre o meu caso, meu namorado? Ah! Ele já está em liberdade e, eu soube que casou e tem um filho.

O nome dele? (Ri sarcasticamente.) Não vou estragar a vida dele apontando seu nome. Rezo por ele.

Você gosta do meu crochê? Aceito encomendas. Se você quiser.

A novela vai começar. Foi um prazer conversar com você.

Se eu tenho algum pedido? Não... Não, não tenho nada... Sim, espere, talvez você possa escrever que eu recebo encomendas de costuras e crochês.

(Black Out)

Ato II, Cena 6

Adeus Ano Novo, Adeus Ano Velho

(Na cama do hospital, uma mulher grávida e com AIDS. Por cima da cama, o Narrador. Em um ângulo D ou E, um grupo de três pessoas viciadas. Dos lados da cama da paciente, duas personagens mais: Vida e Morte.)

Mulher: Mais duas vidas partindo, mas partindo para o não sei onde.
Simplesmente como O Ano Velho dando lugar ao Ano Novo, mas só que ambos partem.
Gozado que o Ano Velho teve a sua chance de viver e o Ano Novo, não.

Narrador: Adeus Ano Velho.
Adeus Ano Novo.
Sentimos todos sem prazer.
O Ano que não vai chegar.

Mulher: Estou aqui nesse hospital da vida para abortar o meu filho que antes de nascer já tem AIDS.

Eu tenho AIDS também e em uma escala decrescente meu neném também recebeu esse acúmulo de azar.

Fui sempre uma mulher honesta, trabalhadeira e nunca saí da chamada linha da moral e bons costumes.

Nunca fiz parte da classe de pessoas que bamboeam safadamente como uma falena de flor em flor.

Simplesmente uma mulher pacata e simples. Mas, hoje, estou aqui sentenciada à morte sem ter cometido um crime e sentenciando um outro ser sem, nem pelo menos, ter vivenciado um segundo dessa vida por ele mesmo.

Narrador: Então como passou a ser uma portadora do vírus da AIDS?

(Um foco de luz ilumina três personagens que estão se drogando, fumando, cheirando e injetando drogas.)

Viciado 1: Essa é da boa.

Viciado 2: Que maravilha!

Viciado 3: Depois dessa vai a picada..

Viciado 1: Dá no pé ou no cotovelo.

Viciado 2: É uma boa ninguém perceber, nem as esposas.

Viciado 3: Que maravilha! Estou no céu...

Viciado 2: Eu também quero.

Viciado 1: Deixam para mim.

Viciado 2: No braço é sujeira.

Viciado 3: No pé malandro.

Viciado 1: Depois dessa, tenho que ir para casa.

Viciado 3: A minha nega tá me esperando.

Viciado 2: Hoje eu vou sair com uma loira da pesada.

Viciado 1: Se a sua mulher descobrir vai lhe dar porrada.

Viciado 2: Me disseram que você anda comendo viado e travesti.

Viciado 3: Quem come, também dá, então...

Viciado 2: Que nada, ô meu, que cai na rede é peixe.

Viciado 1: Eu quero é mais isto aqui, isto é que é bom. (*Amostra a agulha da injeção para o público, e black out.*)

Narrador: Vítima de um marido viciado. Contaminada por uma agulha que serve a todos em um momento só.

Mulher: Eu não sabia, eu juro que não sabia.

Ele sempre foi o chefe da casa, sempre dando ordens, sobre o sim e sobre o não.

Narrador: Com a mesma ordem do sim e do não sentenciou-a à morte.

Vida: Deixe-a viver.

Morte: Não, não...

Vida: O tempo voa e você toma a vantagem dos aflitos.

Morte: Cada qual com a sua sina, eu com a morte, você com a vida.

Mulher: Não quero morrer.

Vida: Deixe-a viver.

Morte: Cada qual com a sua sina.

Mulher: Deixe meu filho viver.

Vida: Deixe-os viver.

Morte: Cada qual com a sua sina.

Narrador: Ela agoniza, respira, enfrenta, renega, mas o fim é fatal.

Adeus Ano Velho!
Adeus Ano Novo!

Morte: Cada qual com a sua sina.

(Black Out)

Ato II, Cena 8

Denúncia na TV

(Monólogo rápido)

Ei, ei moço... Você aí da televisão... Quero denunciar...

Posso? (pausa) Como não?... Não é a TV?... O que? Estão filmando a novela das 8:00.

O que tenho para falar é mais importante que qualquer novela.

É uma denúncia. É um crime cometido pela sociedade.

Não sei falar bonito, com palavras floridas, mas falo com o coração.

Como...? Não lhe importa?

Moço, eu preciso falar, desabafar a minha dor e alertar o povo.

Perdi o meu filho hoje por falta de assistência médica.

Eu sei... que todo dia morrem pessoas nesta terra de Deus, sem assistência médica.

Moço, o senhor não quer me deixar denunciar porque eu também não sou famoso? Só porque eu sou um bunda suja?

Meu filho morreu de AIDS na porta do hospital. Recusaram receber ele. Mas lá dentro, têm pessoas famosas e ricas.

Moço, eu estou falando com você.

Eu tenho uma dor e quero denunciar.

Disseram que não havia leitos e meu filho agonizou sem ar por várias horas.

Eu implorei e disse que tinha dinheiro e pagaria, mas ninguém me ajudou.

Moço, ajuda-me a denunciar esses hospitais que não recebem pessoas com AIDS, que não sejam famosas e ricas.

Moço, não me dê as costas. Eu preciso denunciar.

Gravar a novela das 8:00 é mais importante que a dor de uma pessoa que quer denunciar a falta de respeito pela vida humana.

Ei moço, você aí da televisão... Me deixa denunciar.

(Black Out)

Ato 11, Cena 9

Sonata de Verão

(Os oito atores estarão em cena: Mamãe, Papai, Namorado (Príncipe Valente), Amiga (Rita Lambreta), Médico (Marcos), Irmã (Pipoca), Doente (SuperHomem), Amigo (Gambá). Um quarto de hospital com uma cama, uma cadeira e uma janela imaginária. O namorado está na janela e o doente fala...)

Doente: Príncipe Valente, que horas são?

Namorado: As 5:00 da manhã.

O sol está nascendo lá no horizonte.

Doente: Eu quero os meus óculos.

Namorado: Bom dia SuperHomem. (Beija-o na testa.)

Os passarinhos estão alvoroçados e cantam. É o calor que já retorna às 5:00 da manhã.

Doente: Tenho frio e não posso escutar mais os pássaros cantarem. Eu sempre amei os pássaros.

Que frio horrível!

Namorado: Mas faz calor.

A noite foi insuportável.

Você ficou muito agitado e suava frio.

Doente: Não vi nada.

Namorado: Daqui á uma hora a enfermeira virá lhe dar a sua injeção.

Doente: Mais 50 miligramas de morfina para aliviar essas dores infernais.

Namorado: Melhor do que senti-las, não é?

Quer que eu peça o seu café?

Doente: Não!

Namorado: Quer música?

Doente: Não!

Pedi mamãe e papai para me trazerem o meu coelho, Peteca.

Namorado: Eles trarão e a bruxa Nega Maluca também.

Doente: Dondoca foi a minha primeira bruxinha e foi mamãe que fez com retalhos das costuras dos outros.

Namorado: Eu sempre gostei de Dondoca também.

Doente: Ela agora é sua, guarde-a bem e sempre que segurá-la, você estará me segurando.

Namorado: Rita virá ler o jornal para você hoje e lhe trará alguns livros de estória também.

Quer que eu leia alguma coisa para você?

Doente: Quem é você, estranho? Você entrou aqui sem bater.

Quem é você?

Namorado: O Príncipe Valente, SuperHomem.

Doente: Você faz parte do Partido Comunista?

Namorado: Não, sou do PT como você.

Doente: Nunca o vi antes...

(O médico entra em cena.)

Médico: Bom dia, SuperHomem...

Doente: Quem são vocês, que entram na minha casa sem bater na porta?

Médico: Dr. Marcos, seu médico... e este é o Príncipe Valente, seu melhor amigo.

Doente: Outra vez vocês querem ter poder sobre mim.
Vocês são da polícia!
Suas roupas pretas e vermelhas...
Não gosto de vocês.

Médico: O que está você falando, Superhomem?

Namorado: Ele acordou bem, mas começou alguns minutos antes de sua chegada com isto novamente.
Ele às vezes nem sabe quem eu sou.

Doente: A minha cabeça dói muito. Tenho frio.
Onde estão as minhas pantufas e meu casaco de lã?

Médico: Pedirei a enfermeira para lhe tirar a temperatura e lhe aplicar mais 50 miligramas de morfina.

Namorado: Ela aplicou a uma hora passada.

Médico: Ele está necessitando de hora em hora.

Doente: O que falam?
Talvez queiram me prender, eu sei...

(A chegada dos pais...)

Pai: Bom dia, SuperHomem. *(O beijam.)*

Mãe: Como foi a noite?

Pai: Viu filme na TV? E a novela?

Mãe: Aqui estão Peteca e Dondoca como você pediu.

Pai: Pipoca lhe trará mais algumas coisas também.

Doente: Oi! Bom dia.
Lá fora faz um lindo dia de sol, não é?
Ah! A minha Dondoca e Peteca.
Eu fiz o casamento deles, quando eu era criança.

amigos vieram... Pipoca comprou os doces no botequim para a festa e uma porção de

O que estávamos falando mesmo, Dr. Marcos?

Médico: SuperHomem, que dia é hoje?

Doente: Um dia depois de ontem e um dia mais que estou doente.

Que horas Pipoca virá me visitar?

Mãe: Daqui a pouco. Ela foi à feira comprar flores e uma rapadura para você.

Médico: Qual é o seu partido político, Super Homem?

Doente: PT... Ainda existe, não é?

Médico: Qual é o sistema político do nosso país?

Doente: Comunista ou Socialista?

Médico: Não, é Democrático.

Doente: Eu sei, mas não acredito.

E você acredita?

Pai: Eu sou PT, agora, também, garotão.

Mãe: Você parece tão bem hoje meu filho.

Pai: Um super PT Filho.

Doente: Quem são vocês?

Como fazem barulho!

Não percebem que a minha cabeça está estourando?

Médico: Qual é o partido político do nosso país?

Doente: Porque se vestem em vermelho e usam cruzeiros em suas mãos?

Apaguem essas velas.

Descubram seus rostos e poderão ver os pássaros emigrando para o verão.

Não gritem. Tenho dores na cabeça.

Médico: Chamarei a enfermeira.

Doente: Você está chorando, Príncipe Valente?

Namorado: Eu acho que, sim, Super Homem.

Doente: Não chore, não!

Namorado: Eu amo você.

Mãe: Você ainda não viu o pijama novo que fiz para você.

Doente: Essa cor azul é tão bonita.

Mãe: Mas é branco, filhão.

Médico: É branco, Super Homem.

Doente: Ah! Sim, é branco...

(Amiga entrando em cena.)

Amiga: Bom dia, Bonitão.

Doente: Chegou a minha Rita Lambreta.

Trouxe os meus livrinhos de estória?

Amiga: Claro, e fotonovelas também.

Tenho tantas fofocas para lhe contar. Mas deixo para depois.

O que você quer que eu leia primeiro?

Doente: A Bíblia.

Amiga: Mas hoje não trouxe a Bíblia.

Namorado: Vamos ler a fotonovela que você gosta e depois eu pego a Bíblia para você.

Amiga: Tem uma aqui boa, chamada "Minha loucura foi amá-lo demais." Tem final feliz, com aquela beijocação toda que você já sabe.

Vou ler bem perto de você para você poder ver as fotos.

Doente: Leia primeiro a estória do Príncipe e o Passarinho.

Médico: Primeiro você terá a sua injeção e depois tudo que tem direito.

Doente: Não mais morfina, Dr. Marcos, basta! Eu estou bem agora, quase todos estão aqui.

Não mais morfina, por favor. Eu não precisarei mais.

Médico: Por algumas horas não lhe aplicarei as injeções, mas depois...

Doente: Depois, tá?

Médico: Me chamem se precisarem. Tenho outros pacientes para ver.

Doente: Dr., qual é o sistema político do nosso país?

Médico: Democrático!

Doente: Você acredita?

Médico: Não.

Doente: Eu também não.

Médico: É a vida, Super Homem.

Doente: Dr., obrigado por tudo que fez por mim.

Médico: Este é o meu dever de cidadão, menino.

Doente: Obrigado por tudo.

Médico: Vou lhe ver em breve.

(O médico começa a sair e o Doente diz...)

Doente: Dr. Marcos, você é um excelente médico. Adeus!

Médico: Vou vê-lo mais tarde. (Sai de cena.)

Doente: Leia a minha estorinha, Lambreta.

Amiga: Essa eu não trouxe também, mas eu sei palavra por palavra e posso contar para você.

Doente: Conte-me então.

Mãe: Estou fazendo essa blusa de lã para você... Gosta?

Doente: Não preciso mais de blusas. Já tenho muitas, mas eu gosto.

Mãe: É para o próximo inverno.

Doente: Cadê Pipoca?

Pai: Ela já vem.

O Gambá vem lhe visitar hoje também. Tem uma surpresa para você.

Mãe: Conte para ele logo homem, não faça suspense.

Pai: Não. É surpresa.

Doente: Diz pai, diz...

Namorado: É surpresa, Super Homem.

Eu sei o que é, mas não posso falar.

Doente: Estou de mau com vocês dois.

Diz para mim mãe, diz...

Gambá sempre com surpresas. É louco.

Amiga: Depois, agora é a estória.

--Era uma vez, um Príncipe caçador de esperança. Viajou de déu em déu e por não encontrar a esperança, pensou em acabar com a vida. Mas como acabar com a vida, se a esperança estava em algum lugar?

Olhou para o céu e viu um pássaro azul e acreditou ter encontrado a esperança. Era realmente a esperança, ela estava lá e foi encontrada...

Namorado: Não faça barulho, ele está dormindo.

Amiga: Porque está chorando, Príncipe Valente?

Namorado: Ele é tão bonito quando dorme.

Amiga: Sabem, o que fiz ontem?

Pai: Não, o que?

Amiga: Comprei Bacalhau!

Domingo vou fazer bacalhoadada e vamos almoçar todos aqui. Ele não pode ir lá em casa, então a casa vem aqui.

Mãe: Você é maluca!

Pai: É Páscoa e passaremos aqui. Isto mesmo.

Mãe: Nós compramos um coelho enorme para ele.

Amiga: Já falei com o doutor e ele consentiu. Convidei outros pacientes também. Será uma festa boa.

(Entrada da irmã.)

Irmã: Bom dia, bom dia.

Eu sou eu, tu é tu, quem é mais burro, eu ou tú?

Namorado: Psiu, ele está dormindo.

Há muito tempo ele não fazia isto.

Irmã: Está a base de morfina?

Pai: Não. Ele está bem hoje.

Namorado: Ele está tão sereno, tão bonito...

Mãe: Que somos nós nesse mundo de Deus?

Pai: Nada, minha velha... nada...

Irmã: Trouxe o horóscopo para ele.

Está muito bom. Diz que o Libriano encontrará toda a felicidade do mundo esta semana.

Amiga: Isto é bom mesmo.

Irmã: Os momentos difíceis de sua vida passarão em breve, muito breve.

Mãe: Ele perguntou por você o tempo todo.

Irmã: Fui na feira, procurar a rapadura e comprar as flores.

Encontrei com Gambá e ele estava desesperado procurando urna gaiola para o passarinho que estava dentro de um saquinho de papel.

Mãe: Coitado de Gambá. Ele está sempre em confusão com os projetos dele.

Irmã: Foi lá para o subúrbio procurar gaiola.

Daqui a pouco não tardará a chegar aqui com a gaiola e o passarinho.

Amiga: Isto é, se o passarinho já não estiver morto ou escapulado do saco.

(Todos riem baixinho.)

Namorado: Psiu!

Irmã: Ele gostará das flores, não é?

Pai: Sim! Claro! Ele sempre gostou de tudo que ganhou.

Namorado: Ontem, quando a memória dele fugiu da realidade novamente, falou coisas interessantes, mas sem nexos.

Mãe : Como?

Namorado: Ele falou sobre colocar Pituca para dentro de casa e Miquilim também. Falou que estava chovendo e eles tinham medo de trovões.

Pai: Pituca era o cachorrinho preto que eu achei na rua e dei para ele. Miquilim era o gatinho. Os três dormiam juntos sempre e aí de quem tirasse a bicharada da cama dele.

Mãe: Tinha que trocar as roupas da cama duas vezes por semana.

Irmã: Mas porque você queria. Ele dava banho no gato e no cachorro quatro vezes por semana.

Namorado: Quatro vezes? Coitado dos bichos.

Pai: Miquilim até aprendeu a gostar.

(Entra o amigo em cena com a gaiola na mão.)

Gambá: Oi, Dentada Mortal!

Amiga: Psiul Ele está dormindo.

Gambá: Olha o que eu trouxe para ele.

Namorado: Ele vai amar.
Obrigado, Gambál

Amiga: Gambá! Isto é nome?

Gambá: Isto é meu apelido, Lambreta, e foi ele que me colocou. Eu também não gostava de tomar banho, não.
Um dia nós brigamos tanto, acabei levando uma mordida no olho que ele me deu.

Mãe: Eu me lembro, tive que ir para o hospital correndo com você. Fiquei com medo de você ficar cego.

Gambá: Dois dias depois eu dei uma dentada nas costas dele e no mesmo dia ele me deu uma pedrada na cabeça e lá fomos os dois para o hospital juntos.

Mãe: Atrazaram toda a minha costura da semana, mas sapequei os dois e depois comprei pipoca doce e lhes dei.

Pai: Mas sempre juntos, não se largavam para nada. Mas não passava um dia que não brigassem.

Gambá: Meu irmão. Este realmente é meu irmão.
Ele podia me bater, era mais forte, mas não deixava ninguém me pegar.

Namorado: Ontem ele falou várias vezes em buscar Pipoca no ponto do ônibus.

Irmã: Isto foi quando eu fazia contabilidade à noite, no ginásio. Ele me pegava toda noite no ponto do ônibus. Ficava com medo do pessoal do bairro me fazer alguma patifaria.

Namorado: Ele falou na voz do Brasil e ria tanto.

Mãe: Coisa desse aí. *(Aponta para o pai.)*
Tem que escutar essa porcaria todos os dias.

Pai: Não escuto mais, minha velha...

Mãe: Agora vê novela.

(Todos riem baixinho.)

Gambá: Psiu! Não acordem ele, não. Você gosta muito dele, não Príncipe Valente?

Namorado: Sim, muito!

Gambá: Eu também...
Eu acho que ele vai gostar da gaiola, não é?

Amiga: É linda, Gambá.

Namorado: Ele tem tanto medo de rato.
Ontem por muito tempo repetiu pedindo para colocar a ratoeira para o ratinho ladrão.

Mãe: Quando criança um ratinho pulou na cara dele de dentro do forno. Eu fiz uns pastéis e coloquei lá. Ele foi surrupiar um e tinha um camundongo roubando os pastéis também. Ambos se assustaram e o rato pulou na cara dele.

Pai: Ele quase me matou do coração, quando gritou desesperadamente.

Namorado: Ele gritou ontem também, mas a enfermeira deu um tranquilizante para ele.

Gambá: Ele estava pegando um para mim também.

Irmã: Tadinho.

Namorado: Chorou, riu, cantou e depois queria a Dondoca, acordou nervoso...

Gambá: Um dia eu joguei a Dondoca pela janela. Ele quase me matou e disse que não se deve fazer maldade com as coisas que pertencem aos amigos.

Se eu gostava dele, tinha que gostar de Dondoca também.

Irmã: Você sempre fazia maldade com os bichinhos.

Gambá: Mas ele me sopapava todo.

Mãe: E lá ia eu separar vocês.

Vocês dois juntos me deram alguns cabelos brancos.

Amiga: Você não teve mãe, não, não é Gambá?

Gambá: Sim, eu tenho, olha aqui... (Abraça a Mãe.) Fazer o que ela fez por mim, só uma mãe faz.

Irmã: Essa aí faz o bem para todos, Gambá.

Gambá: Eu sei disto.

Eu quero que ele acorde para ver o passarinho dele.

Namorado: Vocês fizeram um filho incrível.

Pai: Meu filhão...

(Começa a chorar disfarçadamente.)

Irmã: Nada de choro, velho Fonseca.

Pai: Não estou chorando não, menina...

Amiga: Ninguém começa a chorar não, porque se eu começar, vocês sabem que não paro.

Namorado: O dia está tão quente.

(A Mãe vai até perto do filho.)

Mãe: Ele está tão geladinho.

Pai: Cubra ele direito.

Mãe: Está muito geladinho.

(Fala para o Namorado...) Você não pode sentir?

Namorado: Sim, claro! Há um tempo que ele não está mais aqui.

Amiga: Super Homem morreu?

Namorado: Sim.

Mãe: Oh Deus, chegou a hora.

Pai: Dai-nos força, Senhor.

(O Pai e a Mãe se abraçam. As luzes abaixam.)

FIM